

O CÓDICE *COMMENTARIUM IN APOCALIPSIN* (1047 E SUA CARACTERÍSTICA LINGUÍSTICO-CULTURAL

RESUMO

Pretendemos, com este artigo, demonstrar a característica linguístico-cultural do códice *Commentarium in Apocalipsin* (1047). Ao interpretarmos a encomenda do referido códice como um forte instrumento de poder e persuasão usado por Fernando I e D. Sancha, reis de Leão e Castela (1037-1065), apontaremos como esse poder persuasivo do qual se reveste o códice e do qual se apoderam o rei e sua rainha estava ligado ao ideal expresso pelo texto bíblico do Apocalipse. Sobre a escrita, temos o conteúdo textual do códice em latim que é a língua da Igreja e das escrituras sagradas, na Idade Média. Segundo Bassetto (2001), o latim eclesiástico caracteriza-se como herdeiro do literário no que ele tinha de mais útil ou necessário para a expressão da nova mentalidade cristã, com fonética e estrutura um tanto diversa da língua literária antiga, além de enriquecida pela contribuição grega e popular. O conteúdo literal dos fólios nos leva à interpretação de que o Anticristo, ou seja, os infiéis, devem ser combatidos. As iluminuras representam com seu forte simbolismo linguístico e imagético o sentido político da encomenda do códice pelos reis de Leão e Castela.

Palavras-chave: códice; exercício de poder; Apocalipse.

THE CODEX *COMMENTARIUM IN APOCALIPSIN* (1047) AND THE CULTURAL LINGUISTIC FEATURE

ABSTRACT

We intend with this article to demonstrate the cultural linguistic feature about codex *Commentarium in Apocalipsin* (1047). When interpreting the order of codex like a strong instrument of power and persuasion used by Fernando I e D. Sancha, kings of Lion and Castile (1037-1065), we will show how this persuasive power of codex and the power of the king and the queen was united to the ideal expressed by the Apocalypse. About writing we have the textual content in latin which the language of the Church and the Holy Scriptures on the Middle Age. According Bassetto (2001) the ecclesiastical latin characterized as heir of the literary in what he had on more useful or necessary for expression of the new Christian mentality with a diverse fonetic and estructure of the old literary language beyond being enriched for the Greek and popular contribution. The literal content of the pages take us to interpretation that the antichrist I mean the infidels should be tacked. The images with he strong linguistic symbolism and imagery represent the political sense of the order of the codex by the kings of Lion and Castile.

Key-words: codex; power exercise; Apocalypse.

EL CÓDICE *COMMENTARIUM IN APOCALIPSIN* (1047) Y SU CARACTERÍSTICA LINGÜÍSTICA Y CULTURAL

RESUMEN

Pretendemos, con este artículo, demostrar la característica lingüística y cultural del código *Commentarium in Apocalipsin* (1047). Al interpretar el pedido del referido código como un fuerte instrumento de poder y persuasión usado por Fernando I y D. Sancha, reyes de León y Castilla (1037-1065), apuntaremos como ese poder persuasivo del que se reviste el código y del cual se apoderaron el rey y su reina estaba enlazado al ideal expresado por el texto bíblico del Apocalipsis. Sobre la escritura, tenemos el contenido textual del código en latín que es la lengua de la Iglesia y de las escrituras sagradas, en la Edad Media. Según Bassetto (2001), el latín eclesiástico se caracteriza como heredero del literario en lo más útil o necesario para la expresión de la nueva mentalidad cristiana, con fonética y estructura un tanto diversa de la lengua literaria antigua, enriquecida gracias a la contribución griega y popular. El contenido literal de los folios nos lleva a la interpretación de que el Anticristo, es decir, los infieles, deben ser combatidos. Las iluminaciones representan con su fuerte simbolismo lingüístico e imagético el sentido político del pedido del código por los reyes de León y Castilla.

Palavras-clave: código; ejercicio de poder; Apocalipsis.

Para conduzir os leitores ao raciocínio que será desenvolvido neste artigo, tecerei alguns apontamentos a respeito do códice *Commentarium in Apocalipsin* (1047), mais precisamente sobre o seu conteúdo do Apocalipse. Assim, voltemos os nossos olhos à temática que cerca este último livro revelado da Bíblia. O Apocalipse nos leva ao evangelho de Cristo ressuscitado, e o fim deste livro quer mostrar aos fiéis o triunfo de todos os santos, o império do perseguidor que será vencido e sobre cujas ruínas renascerá a nova Jerusalém gloriosa. De acordo a Bíblia de Jerusalém,

[...] Os apocalipses tiveram grande êxito em certos ambientes judaicos nos dois séculos que precederam a vinda de Cristo. Preparado já pelas visões de profetas como Ezequiel ou Zacarias, o gênero apocalíptico desenvolveu-se no livro de Daniel e em numerosas obras apócrifas escritas em torno da era cristã. O Novo Testamento guardou em seu cânon apenas um apocalipse, cujo autor menciona seu próprio nome: João (1,9), que o escreveu exilado na ilha de Patmos, por causa da sua fé em Cristo. (...) Por outro lado, se o Apocalipse de João apresenta parentesco inegável com os outros escritos joaninos, também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por certos pontos de vista teológicos (referentes sobretudo à Parusia de Cristo), a tal ponto que se torna difícil afirmar que procede imediatamente do mesmo autor. Não obstante tudo isso, sua inspiração é joanina, e foi escrito por alguém do círculo de discípulos imediatos do apóstolo e está impregnado de seu ensinamento. Não se pode duvidar de sua canonicidade. (...) é indispensável para bem compreender o Apocalipse, reinseri-lo no ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente. Pois, do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel) e nos quais manifestamente de inspira, é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos, escandalizados

sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja daquele que afirmara: “Não temais, eu venci o mundo” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Jo 16,33, 2012, p.2139).

Ao contrário do que afirma Parmegiani (2014) de que “[...] o intuito de que o *Commentarium in Apocalipsin* (1047) fosse lido pelos pregadores como uma instrução de uma interpretação correta do texto bíblico, isto é, seu objetivo era moldar uma maneira de pensar, de agir” (PARMEGIANI, 2014, p.15). Defendemos que aliada à ideia de uma nova Jerusalém gloriosa que inspira a fé cristã e, também à ideia de ‘reerguer e robustecer o ânimo dos cristãos’ é que interpretamos a encomenda do *Commentarium in Apocalipsin* como um forte instrumento de poder e persuasão usado por Fernando I e D. Sancha, reis de Leão e Castela (1037-1065). Esse poder persuasivo do qual se reveste o códice e do qual se apoderam o rei e sua rainha estava ligado ao ideal expresso pelo texto bíblico do Apocalipse em que “[...] Deus viria libertar o seu povo das mãos dos opressores, devolvendo-lhes não apenas a liberdade, mas também poderio e domínio sobre seus inimigos, que seriam por sua vez, castigados e quase destruídos” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p.2140).

Pois, o conteúdo do Apocalipse convida as Igrejas a buscar em Cristo aquele que reinará definitivamente. A ideia moral do texto inspira os ilustradores, do *Commentarium in Apocalipsin*, a comporem uma séria de cenas terríveis, plasmadas com cores vivas, em cenários planos que confirmam a identidade da arte chamada moçárabe¹. A composição das cores usadas na obra também nos remete ao livro do Apocalipse em que “tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, as partes do corpo e até as personagens que entram em cena” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012, p.2139). A imagética do códice representa a glória eterna de Cristo, o Cordeiro imolado, os anciãos que o rodeiam levando em suas mãos as orações dos santos, o clamor dos mártires que se prostram abaixo do altar.

Desde sua primeira versão, no século VIII, este códice *Commentarium in Apocalipsin* (1047) sofreu sucessi-

vas ampliações, em vida e em morte do autor, Beato de Liébana, que copiou literalmente os versículos do *Apocalipsis (Historia)* e sua continuação caracterizou um comentário (*Explanatio*) formado por frases e parágrafos tomados de vários santos padres que enlaçou de maneiras diversas e ampliou o texto com suas próprias ideias, a modo de *Catena* (correntes).

A *Diáspora apostólica* e o mapa que acompanha os Beatos – como são chamadas as cópias deste códice, do prólogo ao *Libro II*, entre o *Apocalipsis, I, 20 e II, 1*, leva o título “*De ecclesiae synagoga quid proprie dicantur et quis in qua habitator esse dinoscitur, plenissime lectora gnoscas*” que coincide com o capítulo 1 do *Libro VIII* das Etimologias de São Isidoro².

O monge lebaniego, Beato de Liébana, mesclou sob esse título quase todo o *Libro VII* das *Etimologias* e partes do *Libro X*. Portanto, como adverte Priego (1965)³, foi São Isidoro quem tratou do apostolado no citado lugar, e o que o Beato escreveu no prólogo ao livro II, capítulo 3, parágrafos 17 a 21, é uma cópia literal das *Etimologias, Libro VII*, capítulo 9, parágrafos 1 a 24. É isto o que explica a inclusão do texto da *Diáspora* e de suas miniaturas.

O Beato substituiu o capítulo 10 do *Libro VII* pelo citado, o *Breviarium Apostolorum*, tradução latina de outra versão grega, baseada em documentos também apócrifos. Trata-se de uma espécie de história resumida dos apóstolos, de onde se citava a pregação de Santiago na Espanha. O referido livro deve ter aparecido na Espanha no século VI, e desde então no século seguinte se tem referências concretas deste.

A partir de então, as notícias do catálogo são recorrentes na literatura hispana, tais como – *Comentario sobre Nahum, De ortu et obtu Patrum, Breviarium goticum, Breviarium mozarabicum* (FRANCO, 2001).

Também podemos observar as relações dos códices do Beato com o islamismo que vão encaminhar-se no sentido de que estas relações se fizeram por meio das

iluminuras e seus ornamentos que por sua vez estavam centradas no seio de um contexto artístico islâmico e suas vertentes ideológicas e formais.

Vejam a seguir, o fôlio 6v - BEATO DE LÍEBANA, códice de Fernando I e D. Sancha em que temos as inscrições em latim “*Pax*”; “*Lux*”; “*Rex*” e “*Lex*”, os símbolos ‘alfa’ e ‘ômega’ que remetem ao Apocalipse “assim como era no início e no fim”. Então, temos que o termo “*Rex*” está diretamente ligado à “*Lex*” que nos leva à autoridade do monarca, Fernando I, que representava a “*Lei*” e “*Pax*” que nos leva ao ordenamento social, à hierarquia imposta pelo poder régio, invocando a “*Paz*”. A ênfase a esses termos se faz necessária para reafirmarmos a tese de que havia uma intencionalidade na encomenda do códice e essa intensão recheada de poder persuasivo se materializa no códice através de várias alegorias e uma delas está representada por estes termos, dispostos na iluminura do referido fôlio.

Nesse sentido, tomamos as palavras de Kantorowicz (1998) em que o rei poderia ser interpretado como ‘*persona mixta*’ na esfera político-religiosa, onde essa ‘mistura’ referia-se à mescla de poderes e faculdades espirituais e seculares unidas a uma só pessoa. Para Gossi (2014, p.61), essa ordenação das pessoas e da comunidade faz parte de um conjunto de autonomias em que a soberania está diretamente ligada a Deus.

Tudo tem uma grande inspiração dogmática e litúrgica, representando um marco na liturgia hispânica. Não é em vão que pesquisas nessa área, tal qual Franco (2001), apontam para o fato de que a leitura do códice adquiriu força e obrigatoriedade nos mosteiros, entre a Páscoa e o Pentecostes sob pena de excomunhão. Parmegiani (2014) também afirma que “[...] a apropriação que o Beato faz das ideias apocalípticas nos remete, com efeito, a um viés moral ligado à espiritualidade monástica, cujo objetivo maior seria a evangelização [...]” (PARMEGIANI, 2014, p.58), mas não remete ao fato de que este também poderia ser um ato político que intermediasse a ideologia cristã, como defendemos.



Beato de Liébana. Códice de Fernando I e D. Sancha (1047) – fólio 6v.

Mas, diante destas considerações de caráter teológico e doutrinário, existe um indubitável fundo político, sugerido por Schapiro (1979)⁴, com o qual concordamos. Pois, o Beato conseguiu o apoio da corte carolíngia e de seus teólogos, no entanto o arcebispo, Elipando, foi denunciado nos concílios⁵ de 794 e 799. As disputas cristológicas da Idade Média recorriam frequentemente ao *Apocalipsis de Juan* e a esta paixão doutrinária devemos ao *Commentarium* do Beato de Liébana, que não é nada original doutrinariamente, mas originalíssimo politicamente trazendo uma coleção ou coetânea de textos bíblicos de prestígio que destacam o caráter persuasivo da obra.

A Espanha cristã se interessava pelo *Apocalipsis* porque este predizia a vitória sobre o Anticristo, a destruição da Babilônia (uma referência aos infiéis) e o triunfo final do povo de Deus, que como afirmei anteriormente, o monarca cristão, no caso, Fernando I, tal qual aponta Kantorowicz (1998, p.51), tornava-se o ‘ator’ ou ‘personificador’ de Cristo.

A encomenda do códice do Beato, em um momento em que se afirmava a resistência contra o domínio do islamismo ibérico, possuía uma espécie de chamado profético da fé e da perseverança de uma época de luta.

A presença do Livro de Daniel no *Commentarium in Apocalipsis* que profetiza a queda dos reinos dos infiéis e a restauração de Israel, aparece como uma alegoria ao reinado de Fernando I em relação aos infiéis com os quais o monarca se contrapunha na Península Ibérica.

Nesse sentido, a questão que podemos levantar para um debate neste ponto vai nos levar ao raciocínio de que, como afirma Flori, havia uma ideia de guerra santa que era resultado de duas formas de sacralização, uma que advém da exaltação e da glorificação da causa defendida e outra que vem da demonização do adversário “numa mentalidade religiosa de forte tendência dualista” (FLORI, 2013, p.234).

Aqui, nos defrontamos exatamente com a guerra estabelecida entre cristãos e povos islâmicos, desde a incursão muçulmana, na Península Ibérica, em 711. Enfatizamos o peso das monarquias nesta ‘guerra santa’ e retomamos os termos “Pax” e “Rex” da iluminura, anteriormente apresentada, para reafirmar a posição política do monarca em relação à demanda desse jogo de poder e persuasão. Assim, sobre os muçulmanos, Flori (2013) apresenta:

O caso dos muçulmanos, geralmente equiparados a pagãos no Ocidente, exige atenção especial. A vaga muçulmana atingiu inicialmente o Mediterrâneo oriental, berço do cristianismo, território povoado majoritariamente por cristãos de tendências diversas e às vezes rivais. Foi lá que o choque da irrupção muçulmana produziu seus primeiros efeitos. A caricatura ideológica do islã, que se generalizou no Ocidente durante o século XI, na época da cruzada por ela favorecida, inicialmente nasceu nas populações cristãs do Oriente Médio que viviam sob dominação muçulmana, e isso ocorreu já nos primeiros anos da vitória dos guerreiros de Alá, antes de chegar rapidamente a Bizâncio e depois ao Ocidente. Portanto, precisamos fazer um desvio pela parte do Mediterrâneo para notar as características principais daquela progressiva demonização que, pelo menos no Ocidente,

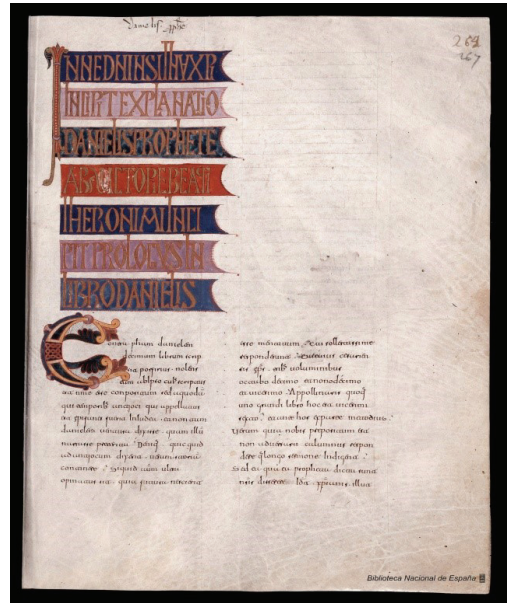
conduziu à ideia de guerra santa. (FLORI, 2013, p. 236-239)

Aproximamos esse debate às iluminuras e ao texto do códice *Commentarium in Apocalipsin* que estariam servindo como argumento de persuasão pelo rei cristão Fernando I, na luta contra os muçulmanos, ou seja, na luta entre cristãos e não-cristãos.

O códice se aproxima da crença de que, como afirma Flori (2013, p.237), “[...] o poder árabe, o quarto [poder], que ultrapassaria todos os outros reinos do mal [...]” seria a quarta besta que era o reino de Ismael, como teria previsto o arcanjo ao profeta Daniel. Isso também explica a presença do Livro de Daniel e da iluminura da Besta de dez cornos como integrantes importantes do códice encomendado por Fernando I e D. Sancha. A seguir o fólio que representa a Besta de sete cabeças, fólio 219r e o fólio 267r que inicia o Livro de Daniel:



Beato de Liébana – Códice de Fernando I e D. Sancha (1047) – fólio 219r.



Beato de Liébana – Códice de Fernando I e D. Sancha (1047) – fólio 267r.

Segundo Flori (2013), a imagem negativa, seguida da ideia de demonização ligada aos muçulmanos e por sua vez, ao islamismo, já estava bem estabelecida desde o século VIII, abrindo caminho para a ideia de guerra santa, numa escala de dimensões escatológicas e apocalípticas que bem coadunava com a encomenda do *Commentarium in Apocalipsin*. Os dois fólios – 219r e 267r – apresentados nas páginas anteriores, nos levam à essa imagem negativa da qual nos referimos. Vemos, então, a Besta de sete cabeças que é uma alegoria do anti-cristo e por sua vez dos infiéis aos quais Fernando I queria persuadir. Já o Livro de Daniel que contém a visão da queda de Nabucodonosor, um rei que perde seu reinado, pode alegorizar a queda dos infiéis frente à força da cristandade.

Não temos encontrado muitos trabalhos que cerquem alguma menção a esse tipo de leitura das iluminuras ou da obra do Beato como instrumento de poder e per-

suasão contra os infiéis, no século XI. Os trabalhos⁶ de Borges, Costa, Ribeiro, Pereira e Favoreto interpretam o *Commentarium in Apocalipsin* (1047) sem o viés político e persuasivo do qual defendemos.

A maior autoridade nos estudos do Beato de Liébana, no Brasil, a profa. Dra. Raquel de Fátima Parmegiani⁷ apresenta em seu livro uma reflexão sobre as apropriações, os usos sociais e as tradições de leitura do *Commentarium in Apocalipsin*, no âmbito da história da leitura. Trabalho de suma importância para a historiografia relativa ao Beato que nos levou a repensar ‘o uso social’ do códice como instrumento político de persuasão.

Alguns trabalhos de pesquisadores alemães, como é o caso de Werckmeister e Beckwith (1965) têm analisado questões formais da obra do Beato de Liébana, o pesquisador norte-americano Williams (1994) pode ser uma autoridade no estudo do tema sobre a arte islâmica, pois amplia diversos conceitos que incidem de maneira particular na parte estilística e histórica.

A investigação espanhola, tem se detido na importância das influências dos textos islâmicos sobre a imagem. E neste sentido, a estudiosa Churraca (1939)⁸ tem um estudo, já bastante antigo, mas muito útil para o estudo dos temas que se importam com a iconografia das iluminuras espanholas, do século X ao XII, que é de certa forma, um trabalho que traz uma definição subentendida da imagem como objeto “não-político” ou destituído de um caráter persuasivo que está inserido num jogo político de poder e persuasão o qual defendemos.

Não podemos perder de vista as questões de fundo político que cercavam todo o contexto entre o reinado de Fernando I e o códice, pois havia uma conexão entre seu conteúdo eclesástico e os interesses monárquicos e aristocráticos.

De acordo com Franco (2001), é possível estabelecer relações com a política ibérica a partir de alguns aspectos. Um deles é a interpretação do conteúdo literário investido nas imagens. Embora há que se advertir que frequentemente as diferenças não façam alusão dire-

tamente ao próprio *Commentarium in Apocalipsin*, do Beato de Liébana, senão a interpolações de outra ordem no códice, como exemplo, o fólio 6r que contém o Alfa e o Ômega, símbolos presentes no livro bíblico Apocalipse, significando, início e fim. Nota-se a imagem de Jesus Cristo ao centro do símbolo Alfa e segurando o Ômega, como uma alegoria do poder do rei e o poder de Cristo.

Nesse sentido, tomamos o que diz Kantorowicz (1998), “[...] o rei manifesta a perfeita *chrsitomimetes* também em relação ao poder, uma vez que o seu poder é o mesmo de Cristo” (KANTOROWICZ, 1998, p.52). Reafirmando esse poder do rei, a iluminura 6r, na página a seguir, nos leva à interpretação da nossa hipótese, de que este códice estaria sendo usado como arma política de poder e persuasão pelo rei Fernando I, o que nos remete novamente às palavras de Kantorowicz (1998), no qual, “[...] o rei, ao contrário de um homem individual, é *in officio* o tipo e imagem do Ungido no céu e, consequentemente, de Deus” (KANTOROWICZ, 1998, p.52).

Enfim, o Alfa, o Ômega e Cristo, também presentes na iluminura 6r, se referem às interpolações das quais nos referimos acima, no sentido de que são esses elementos alegóricos que apresentam a referência à imagem do rei e ao seu poderio. No que diz respeito à adoção de formas islâmicas, temos as formas tomadas da arquitetura, como as abóbadas duplas, as representações de alguns seres fantásticos, como o grifo, por exemplo.



BEATO DE LIÉBANA, códice de Fernando I e D. Sancha (1047), fólio 6r.

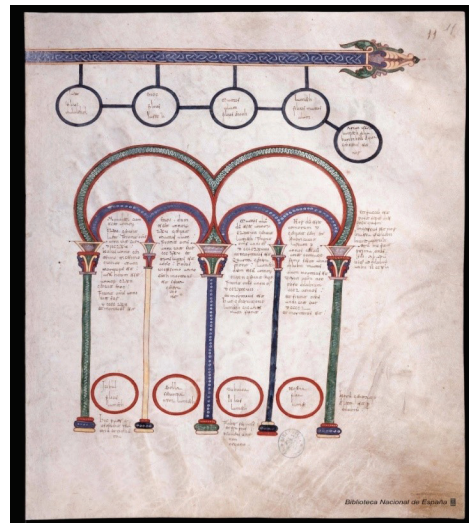
No caso do *Commentarium in Apocalipsin*, trazemos o fólio 11r que pode exemplificar a arquitetura das igrejas muçulmanas; e a respeito da questão da escrita que é uma característica marcante no códice em estudo, destacamos a forma da escrita visigótica que era a escrita utilizada nos documentos da Igreja, no século XI. A letra visigótica foi amplamente usada nos antigos reinos cristãos espanhóis das Astúrias, de Leão, Castela, Navarra e Aragão (MARCOS, 2011).

Ainda sobre a escrita, temos o conteúdo textual do códice em latim que é a língua da Igreja e das escrituras sagradas. Segundo Bassetto (2001, p.172-173), o latim eclesiástico caracteriza-se como herdeiro do literário no que ele tinha de mais útil ou necessário para a expressão da nova mentalidade cristã, com fonética e estrutura um tanto diversa da língua literária antiga, além de enriquecida pela contribuição grega e popular.

Nossa interpretação, ao observar o fólio 11r, a seguir, nos leva à ideia de que temos a ‘palavra cristã’ – e, portanto, a força persuasiva do rei, inseridas nas ‘colunas’ da forma islâmica que agora está tomada pela cristandade. Enfim, temos o poder cristão do rei sobrepondo o infiel, islâmico. Retornando à questão da arquitetura, lembramos que o processo de urbanização e expansão das cidades está diretamente ligado ao poderio da realeza em função da ocupação do espaço urbano.

Temos então, o espaço cristianizado graças à presença da monarquia que, de acordo com Benevolo (2012), “[...] as cidades medievais têm todas as formas possíveis, e se adaptam livremente a todas as circunstâncias históricas e geográficas” (BENEVOLO, 2012, p.269). Além disso, temos também, neste fólio, a representação das linhagens que começavam a se afirmar, no século XI, como dinastias que viriam a se suceder no poderio político da Península Ibérica.

De acordo com o mesmo autor, “[...] a cidade medieval é um corpo político privilegiado, e a burguesia da cidade é uma minoria da população total, que cresce rápida e continuamente desde o início do século XI” (BENEVOLO, 2012, p.269).



BEATO DE LÍEBANA, códice de Fernando I e D. Sancha (1047), fólio 11r.

Portanto, cabe aqui pensarmos nas intenções de Fernando I ao encomendar o códice como arma de persuasão política, pois estava na cidade ou indo para a cidade aqueles cujo monarca queria persuadir, tanto a população cristã quanto a população de infiéis, muçulmanos e judeus. Lembrando que esse processo de expansão urbana era liderado pela realeza.

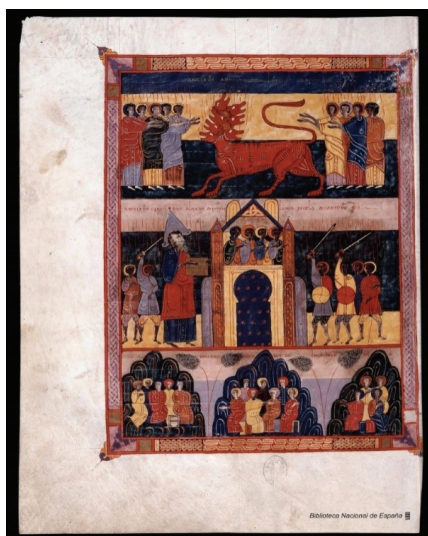
Ainda na linha de interpretação a respeito das relações com a política ibérica, observamos agora, a figura da Besta que tem certa importância no meio monástico, sendo representada de variadas formas. A diferença de frequência com que são mencionados, Satanás, o castigo dos pecados e o inferno, nos textos hispânicos e no restante da Europa cristã, não se pode dizer que sirvam de modelo aos iluminadores. Porém, inferno e paraíso são descritos minuciosamente nas fontes escatológicas muçulmanas, desde o Alcorão.

O inferno era descrito como uma sucessão de instâncias, frequentemente circulares, povoadas de demônios que castigavam os condenados de acordo com a tipologia dos seus respectivos pecados. Predominava o tom anedótico sobre os conceitos mais abstratos.

Os cristãos moçárabes conheceram estas tradições, como se deduz das críticas vertidas no século IX por Eulógio de Córdoba⁹ seu seguidor Álvaro que identificava o Anticristo com Maomé, no trecho “[...] Para

Eulógio e Álvaro, Maomé era o Anticristo, a antítese personificada de Cristo” (URBEL, 1928, P.400). Estas especificações contrastam, porém, com a pouca quantidade de descrições conferidas ao inferno, cujas exposições dos castigos podiam referir-se às dores físicas em relação às considerações imateriais.

O termo ‘Anticristo’ aparece diversas vezes durante a narrativa do *Commentarium in Apocalipsin*, sendo este um termo essencialmente político, o que nos leva à interpretação de que ele se remete aos infiéis com os quais Fernando I travava a luta de poder e dominação. Outro ponto a ser tratado se refere à adoção das formas islâmicas, nas ocasiões em que se queria fazer uma referência negativa ao islamismo, como a figura da Besta de sete cabeças que aparece no fólio 246v, a seguir, como designação do pagão e do anticristo.



BEATO DE LÍEBANA, códice de Fernando I e D. Sancho (1047), fólio 246v.

Retomamos o raciocínio apresentado anteriormente a respeito do sentido político que tem a figura do Anticristo em relação aos infiéis, muçulmanos e judeus com os quais Fernando I queria sobrepor o seu poderio monárquico e conquistar mais territórios.

Vejamos que aqui podemos retomar nossa hipótese, lembrando que estas imagens se inserem no jogo político de poder e persuasão dos quais já falamos. Perce-

bam que, ao centro da iluminura do fólio 246v, temos as imagens que fazem a alegoria da monarquia cristã, não por acaso estão ao centro, dando a ideia de uma realeza cristocêntrica, em que a imagem do rei está ao centro, segurando a escritura sagrada, os sacerdotes abaixo e a Besta, acima, sendo venerada pelos infiéis. Nesta iluminura, temos três níveis:

No primeiro nível:

ANTI CHRISTUS OMNE MUNDUM IMPERAT ET BESTIA
[ilegível]

O Anticristo e a Besta imperam em todo o mundo;

No segundo nível:

ANTI CHRISTUS CIRCUNDAT ALTARE ET UENIT IGNIS DE CELO ET COMEDIT EOS

O Anticristo circunda o altar e vem o fogo do céu e os consome;

No terceiro nível:

ISTI ABSCONDUNT SE IN MONTIBUS

Esse se esconde nos montes.

Eis que o conteúdo literal deste fólio nos leva à interpretação de que o Anticristo, ou seja, os infiéis, devem ser combatidos. Esta iluminura representa com seu forte simbolismo linguístico e imagético o sentido político da encomenda do códice por Fernando I e D. Sancho. Todas as indicações que são feitas quando se trata da alusão a esse jogo de persuasão estão meticulosamente apresentadas nas iluminuras e seus adornos bem ao estilo muçulmano, como se pôde observar nas iluminuras apresentadas.

Neste artigo, traçamos as relações de poder que se referem à monarquia cristã em relação aos muçulmanos e judeus que viveram na Península Ibérica de 711 a 1492, através das características linguístico-culturais do códice *Commentarium in Apocalipsin* (1047). Sendo que estas relações estão diretamente ligadas ao expansionismo impetrado por Fernando I e D. Sancho, durante seu reinado (1037-1065).

NOTAS

- 1 A chamada arte moçárabe se refere a arte dos povos islâmicos de Al-andaluz que viviam nesse território conquistado pelos povos muçulmanos, no caso, nos referimos às características dessa arte que podem ser encontradas nas iluminuras do códice estudado e que serão trabalhadas no quarto capítulo.
- 2 VALASTRO CANALE, Angelo. Herejías y sectas em la Iglesia Antigua – el octavo libro de las Etimologías de Isidoro de Sevilla y sus fuentes. Madrid, Universidad Pontificia Comillas de Madrid, 2000. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2PNTrIPo8j-0C&pg=PA11&dq=etimologias+de+san+isidoro+libro+viii&hl=ptBR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=etimologias%20de%20san%20isidoro%20libro%20viii&f=true. (Acesso em 25/09/2017).
- 3 Adaptado para este capítulo. Referência ao assunto apresentada no trabalho de Angela Franco, 2001. Disponível em: <http://www.florin.ms/aleph5.html> (Acesso em 01/02/2018).
- 4 Quero deixar claro que os apontamentos retirados deste autor, são parte do trabalho apresentado por Angela Franco (2001), cuja referência cito acima, as referências sobre o Beato e sua ligação com a cultura muçulmana não são muito extensas, dado que esse texto me foi muito esclarecedor. <https://books.google.com.br/books> em Historia Eclesiástica de España por D. Vicente de La Fuente, Tomo III, Madrid, 1873, p. 101. (Acesso em 11/09/2017).
- 5 BORGES, Thiago J. Do texto ao traçado cartográfico: as representações das Sortes Apostolorum nos Mapa-múndi dos Beatos (séc. X-XIII) (Dissertação de mestrado, 2010.); COSTA, Ricardo da. A Imagem na Idade Média - Beato de Liébana (730-785) e uma iluminura dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse de São João. In: História e Imagem. Semana de História - 98, 1998, Rio de Janeiro. História e Imagem. Semana de História - 98. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1998. v. 1.; RIBEIRO, Clara dos Anjos Vazelesk. O Comentário ao Apocalipse de Beato de Liébana, sua relação com o imaginário e a leitura na Idade Média. (TCC, 2013); PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Algumas questões para o estudo das imagens sacras no Espírito Santo. In: Anais da I Jornadas do Patrimônio Cultural do Espírito Santo, 2006.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Algumas questões sobre arte e imagens no Ocidente Medieval. In: Atas da VIII Semana do Programa de Estudos Medievais (PEM-UFRJ), 2009.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Da conexão entre texto e imagem no Ocidente Medieval. In: Leituras e imagens da Idade Média. Maringá: Eduem, 2011, p. 131-148.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Pensar (com) a imagem: reflexões teóricas para uma práxis historiográfica. In: Topoi, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 672-679, 2016.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. A arquitetura no/do livro na antiguidade tardia: a ornamentação dos primeiros códices cristãos latinos. In: História, São Paulo, v. 36, e. 4, 2017.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Exposition des ymages des figures qui sunt: discursos sobre imagens no Ocidente Medieval. In: Antíteses, v. 9, n. 17, p. 36-54, 2016.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Píxo, logo assusto; ilumino, logo seduzo: a ornamentação das letras na contemporaneidade e na Idade Média. In: Arte e Ensaios, Revista do PPGAV/UEB/UFRJ, n. 32, p. 93-101, 2016.; PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Quando a borda não enquadrava: as transgressões nas miniaturas de manuscritos medievais. In: Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 2012.; FAVORETO, Fabiana Pedroni. Entre 'memória' e 'ornamentação': o Beatus de Facundus como tesouro real. In: [https://notamanuscrita.com/2014/09/08/entre-memoria-e-ornamentacao-o-beatus-de-facundus-como-tesou-](https://notamanuscrita.com/2014/09/08/entre-memoria-e-ornamentacao-o-beatus-de-facundus-como-tesouro-real/)

- ro-real/ (Acesso em: 15/12/2017.); FAVORETO, Fabiana Pedroni. A função moduladora e os diferentes graus de ornamentação no Beatus de Facundus. Revista Signus, vol. 15, n. 2, 2014.; FAVORETO, Fabiana Pedroni. Beatus de Fernando I e Sancha: um estudo sobre a adequação do objeto artístico medieval ao contexto político. In: VIII Semana de História. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.; FAVORETO, Fabiana Pedroni. Beatus de Fernando I e Sancha: símbolo de poder e riqueza na Espanha do século XI. In: III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho, 2011, Vitória. Anais III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho, 2011. FAVORETO, Fabiana Pedroni. Sobre a Ornamentalidade Medieval: estudo do fólio 112v do Beatus Facundus. Revista História e Cultura, Dossiê Debates Historiográficos sobre a Antiguidade e o Medieval, v.2, nº3, Franca, SP, 2013.
- 7 Trabalhos da referida autora: PARMEGIANI, R. F. Leituras e leitores do Apocalipse na Alta Idade Média. Maceió: EDUFAL, 2014; PARMEGIANI, R. F. O maravilhoso apocalíptico: representações do inferno e de seres diabólicos nas iluminuras dos Beatos. (2011); PARMEGIANI, R. F. Leituras imagéticas do apocalipse na alta idade média. (2011); PARMEGIANI, R. F. A geografia do além nas iluminuras dos Beatus – Alta Idade Média. (2012); PARMEGIANI, R. F. Leituras medievais do apocalipse: comentário ao Beato de Liébana, (2009); PARMEGIANI, R. F. Práticas da escrita e da leitura na Alta Idade Média. (2008); PARMEGIANI, R. F. Salvação e Juízo Final na Alta Idade Média hispânica: o Comentário ao Apocalipse do Beato de Liébana. (Tese de doutorado, 2008).
 - 8 Neste ponto, quero deixar clara que a citação a esta autora foi uma adaptação do que apresentou Angela Franco (2001).
 - 9 URBEL, 1928. p. 400. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=o0QzAQAAIAAJ>(acesso em: 27/09/2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

BEATO DE LIÉBANA. Commentarium in Apocalipsin. Beato de Liébana – Códice de Fernando I e D. Sancha. Madri, Biblioteca Nacional, Ms. Vitr. 14-2 (olim B.31); San Isidoro at León, 1047, escrito pelo escriba Facundus, para o Rei Fernando I de Castela e Leão, códice conhecido como Beato J (= J). Disponível em <http://www.bne.es> ou <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?pid=d-1806167> (Último acesso em 26/07/2017)

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.

OBRAS CONSULTADAS

BASSETTO, Bruno Fregni. Elementos de filologia românica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CHURRACA. Manuela, Inlujo oriental en los temas iconográficos de la miniatura española. Siglos X al XII. Madrid: Espasa-Calpe, 1939.

FLORI, Jean. Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

FRANCO, A. In Spagna: La diáspora de los apóstoles y relaciones de los Beatos con el Islam. Florence: City and Book, 2001.

GROSSI, P. A ordem jurídica medieval. São Paulo: Martins fontes, 2014.

KANTOROWICZ, E. Os dois corpos do rei: um estudo sobre a teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARCOS, Juan-José. Fuentes para paleografía latina. Cáceres: España, 2011

PRIEGO, Carlos Cid. Santiago el Mayor en el texto y en las miniaturas de los Códices de Beato. Compostellum, X, 1965.

SCHAPIRO, Meyer. El Apocalipsis de Beato de Gerona, 1963, recogido en Estudios sobre el arte de la Antigüedad tardía, el Cristianismo primitivo y la Edad Media. Madrid: Alianza Forma, 1979.

URBEL, Justo Pérez de. San Eulogio de Córdoba. Madrid: Editorial Voluntad, 1928.

WERCKMEISTER, Otto Karl. Islamische Formen in spanischen Miniaturen des Jahrhundert und das Problem der mozarabischen Buchmelerei, L'Occidente e l'Islam nell'alto Medioevo, XII Settimana di Studio del Centro di Studi sull'alto Medioevo 2-8 aprile 1964, Spoleto, 1965.

WILLIAMS, John. The Illustrated Beatus. A Corpus of the illustrations of the Commentary on the Apocalypse. I. Introduction. Londres: s/ed, 1994.

O AUTOR

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima é Professora de Latim, Filologia Românica e Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora em História (PPGHIS - Programa de Pós-graduação em História/ UFMT). Mestrado em Estudos de Linguagem (Lexicologia e Lexicografia), em 2007, todos os cursos pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pós-graduação em Descrição Linguística (Filologia Românica), em 2002. Graduação em Letras (Português/Literaturas), em 1999. Atualmente é editora-chefe do Periódico Científico Polifonia pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL-UFMT).

